

CARTA ACF

Nº 10

SOBRE O WITZ

José Martinho

As imagens que se formam na mente humana não derivam unicamente da experiência imediata, sensorio-motora, já que a representação significativa se interpõe entre a percepção e a consciência. Ora, para que o sujeito possa estabelecer uma relação de objecto neste espaço suprasensível é preciso que a imagem seja encarada como uma aparência, ou que a ordem simbólica se instaure definitivamente no psiquismo. É quando uma lesão anatómica impede a estrutura da linguagem de funcionar correctamente, que surgem disfunções como a afasia, a apraxia, ou agnosia.

Enquanto a linguagem é unicamente veiculada pelos outros, há confusão entre os pontos de vista, entre o *teu* e o *meu*. Contudo, a competência linguística adquirida na evolução da espécie e reforçada pelo peso do *socius*, permite rapidamente à criança fazer uso de uma gramática generativa. As primeiras palavras da criança já são frases, repletas da ambivalência que convém ao pensamento.

É quando procura afirmar-se na relação a outrém, que os diálogos consigo mesmo se reduzem. Depois de começar a utilizar os pronomes pessoais, a terceira (*ele*) e a segunda (*tu*) pessoa do singular, acabará por utilizar a primeira (*eu*). O *shifter* da enunciação impor-se-á regularmente, a partir do momento em que começam a exercer-se os poderes da consciência individual e colectiva.

Voltando ao modo como a criança recebe e recria a língua que teimamos em chamar *materna*, Freud sugere que aprende a falar relacionando-se ludicamente com esta. Aproveitando-se, segundo o contexto, da materialidade sonora e da equivocidade significativa, a criança gosta de associar livremente as palavras, sem se preocupar muito com o seu significado, de modo a fruir do seu ritmo e rima. O sentido reduz-se, então, ao gozo que experimenta.

Este *gozo da língua* é limitado pelo inter-dito. Ele é também progressivamente proibido, na medida em que as crianças devem aprender a falar e a escrever correctamente, isto é, segundo as regras gramaticais em uso. Esta regulamentação faz com que os sons, encadeados em palavras, frases e discursos, acabem por tomar o significado que os dicionários fixam.

É verdade, como me dizia recentemente Alfredo Margarido, que existe também um esforço da criança para se integrar nas normas da língua e sociedade adultas, ou seja, para se tornar um locutor avisado. Por outro lado, apesar desta experiência mobilizar o conjunto dos recursos sintáxicos, semânticos e de sotaque, só os escolarizados aprendem a língua pela via dos compêndios de gramática. Mas tudo isto apenas vem acentuar que aquilo que diz o Outro é determinante para o desejo, dado que este é a outra face da lei.

As leis da linguagem regulam e normalizam o gozo, mas não o anulam. Por exemplo: a disparidade entre gozo e significante pode irromper nos trocadilhos tão ao gosto dos adolescentes, nas aliteraões e nos preciosismos, nas palavras-coisas dos esquizofrénicos, como no tagarelar que anima a maioria das nossas conversas quotidianas, ou naquele que serve de regra fundamental na análise.

Mesmo se pode parecer absurdo, inútil ou inconveniente, este jogo com a linguagem indica como o gozo interdito continua a interferir na enunciação do desejo.

É ainda o problema colocado pela enunciação do *Wunsch* que conduz Freud a escrever o seu livro sobre o *Witz*.

Para se inteirar do desejo que se realiza num sonho, Freud é levado a interpretar o relato do sonho como Champolion decifrou os hieróglifos egípcios. É um trabalho semelhante que Freud efectua sobre os colapsos da memória e a formação dos ditos espirituosos. Nos três casos, trata-se de dissolver as imagens mentais manifestas, para ceder o lugar aos significantes latentes que moldam as figuras do desejo.

É esta maneira de operar que leva Lacan a dizer que o inconsciente freudiano se encontra estruturado como uma linguagem e que o que está recalcado é a verdade que pode emergir do mal-entendido da palavra, pois é uma verdade literalmente censurada, barrada da fala consciente, que acaba por gritar na divisão entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação.

Esta clivagem entre o dito e o dizer espirituoso está também presente em **Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten**, livro em que Freud analisa o dito espirituoso no que este apresenta de menos óbvio, a sua relação com o inconsciente.

Freud distingue o sentido do cómico – o qual pode ir até ao acme (sexual) da obscenidade – do pouco de sentido que emerge dos melhores chistes. No seu Seminário sobre **As Formações do Inconsciente** (Seuil, Paris, 1998), Lacan situa estes fenómenos no *grafo do desejo*, mas basta utilizarmos o *Esquema L* para os distinguir. Na situação cómica são suficientes duas personagens: o *ego* (a) que descobre o traço cómico, e a pessoa-objecto (a') em quem ele se descobre. No *Witz*, realiza-se, antes de mais, um jogo do sujeito (S) com os significantes que o sobredeterminam, razão pela qual o *ego* vai além do outro com o qual se compara, agressiva e favoravelmente, na relação imaginária, para apelar ao que Freud chama a *terceira pessoa*, a que reconhece o dito espirituoso como tal e que se situa ao nível do Outro (A) enquanto lugar do código e da verdade.

Mas qual é a relação do Sujeito com o Outro do qual recebe, de modo invertido e divertido, a sua própria mensagem?

Se no caso do esquecimento do nome Signorelli a perda não é irreparável, se é sempre possível recuperar o nome que fugiu da memória, no *Witz* a perda é estrutural, apelando à criação de significantes novos, que ainda não estão inscritos no Outro enquanto lugar do código.

Tomemos, como exemplo privilegiado por Freud e Lacan, um *Witz* de Henri Heine nos seus **Reisebilder**. Como me lembrava Alfredo Margarido, sem o contexto histórico e literário-semítico em que vivia, muitas das piadas de Heine perdem-se. Mas, se a que vou contar pode não nos fazer rir a bandeiras

despregadas, ela tem o mérito de ilustrar a estrutura de linguagem do inconsciente. Trata-se do dito espirituoso do vendedor de cautelas Hirsch-Hyacinthe, judeu de Hamburgo, que ao evocar o Barão Salomão de Rothschild diz, como se lhe tivesse saído a sorte grande, que este o tratou de um modo bastante *famillionário*.

Hirsch-Hyacinthe sugere, deste modo, que Rothchild o tratou de uma maneira familiar, de igual para igual...tanto quanto o pode um milionário. Freud decompõe este *Witz* no seguinte esquema:

FAMI LI AR
MI LI ONARIO
FAMILI ONARIO

É através de uma elipse (omissão da frase «tanto quanto o pode um milionário») que a graça sidera, graças à luz deslocada pelo neologismo *famillionário*. Surgido do que foi recalçado (o *familiar* que vou pontuar em seguida), *famillionário* é um significante novo, com efeitos de significado que devemos situar entre acto falhado e dicção poética.

De facto, a técnica do *Witz* analisada por Freud mobiliza um acto aparentemente falhado – já que é através de um lapso calculado que Hirsch-Hyacinthe desliza até *famillionário*, palavra que não se pode encontrar no vocabulário -, mas efectivamente conseguido, porque envia uma mensagem para lá do código comum. Aquilo que sidera e ilumina no instante do dito espirituoso é que este consegue, num processo que causa a surpresa e a satisfação de todos os que com ele riem, dizer algo da verdade inconsciente do sujeito da enunciação.

Ganho de prazer – que Freud opõe à poupança da economia psíquica – que o seguinte dado auto-bio-gráfico ilustra: *o poeta*, escreve Freud, *estava muito ligado a este personagem da sua criação; com efeito, dá constantemente a palavra a Hirsch-Hyacinthe e atribui-lhe as mais francas e divertidas piadas (...) muitas passagens dão-nos a impressão que é o próprio poeta que fala por detrás da frágil máscara de Hirsch-Hyacinthe e adquirimos rapidamente a certeza de que, neste personagem, o poeta parodiou-se a si mesmo. Hirsch diz-*

nos as razões que o fizeram trocar o seu nome primitivo pelo o de Hyacinthe. «Vejo ainda uma vantagem, prossegue ele, é que o meu selo tem um H e assim não preciso de mandar gravar outro». Ora, Heine também não desprezou este tipo de economia quando, no seu baptismo, trocou o nome de Harry por Heinrich. Além disso, todos os que conhecem a vida de Heine podem lembrar-se que ele tinha em Hamburgo, teatro das actividades de Hirsch-Hyacinthe, um tio com o mesmo nome, o ricoço da família, que teve um papel importante na vida do poeta. Este tio chamava-se Salomão, como o velho Rothschild, que tinha acolhido Hirsch-Hyacinthe de modo bastante «famillionário». O que na boca de Hirsch-Hyacinthe parecia unicamente agradável desdobra-se num azedume real, se o aplicarmos ao sobrinho Harry-Heinrich. Com efeito, Heine fazia parte da família, sabemos mesmo que o seu maior desejo era casar com uma das filhas desse tio, mas não foi aceite pela prima, a filha do tio que sempre o tratara de modo pouco «famillionário», isto é, como um parente pobre.

Se cito esta longa passagem, não é para desmascarar o engraçadinho e confrontá-lo com a triste verdade da sua ferida pessoal: uma recusa da prima, ao contrário do que acontece a outros sobrinhos bíblicos como Jacob, que não só casa com Lia, mas também com Raquel (um último obrigado a Alfredo Margarido). Se cito este trecho é, simplesmente, para que se entenda melhor porque se valoriza tanto o facto de ter humor e possuir a arte do dito de espírito nas situações mais adversas.

Esta valorização deve-se, como sugere Freud, a que o espírito que mergulha no inconsciente para reencontrar os antigos jogos de palavras conta ganhar alguma coisa. O que só é possível, porque o Outro não é completo, ou que há uma abertura no lugar do código. Por esta razão, a condição dos jogos de linguagem é – mas aqui já necessitamos dos matemas do *grafo do desejo* – o significante da falta no Outro. A partir desta incompletude, pode conceber-se melhor o êxito do *Witz*, na medida em que já não é o que o Outro (superegóico, por exemplo) exige, mas o que o sujeito pode ganhar que lança o desafio.

Isto faz do *Witz* um modelo privilegiado do desejo como perda de gozo e ganho suplementar.